

3

O que um modelo psicolinguístico do processo tradutório deve abordar?

Apesar de alguns modelos do processo tradutório reivindicarem serem um modelo psicolinguístico da tradução, parece faltar um detalhamento psicolinguístico propriamente dito, pois, conforme já mencionado no capítulo anterior, ao utilizarem dados obtidos em especial de protocolos verbais – que, em princípio, não permitem capturar processos automáticos –, os modelos acabam focalizando processos mais conscientes. Dessa forma, as descrições das etapas do processo tradutório nos modelos investigados focalizam mais operações metacognitivas.

Um modelo psicolinguístico plausível do processo tradutório deve refletir o que é sabido em relação a como o ser humano processa a informação e a memória humana (Bell, 1998: 186). Primeiramente, para formular um modelo que represente o processo tradutório, devem-se levar em conta os modelos de comunicação humana já existentes. Segundo Bell (1998: 187),

[u]m modelo do processo tradutório inevitavelmente reproduz todas as características de um modelo geral da comunicação humana, com o acréscimo de alguns componentes específicos da tradução, em especial os que representam a identificação do problema e as estratégias empregadas na solução do mesmo³⁴.

Além disso, ainda que pareça óbvio, os modelos do processo tradutório devem explicitar que a tradução envolve as atividades de leitura e escrita. O tradutor deve compreender um texto em uma língua e interpretar a mensagem contida nele para então produzir um texto em outra língua, tendo em vista a mensagem do original.

No entanto, deve-se ressaltar que a leitura que tem como finalidade a tradução é diferente da que tem como objetivo apenas a compreensão.

Segundo Hurtado Albir e Alves (2009: 55),

a compreensão entre tradutores e intérpretes é diferente da compreensão entre receptores normais, uma vez que é um ato de comunicação mais analítico e

³⁴ “[a] model of the translation process, then, inevitably replicates all the characteristics of a general model of human communication, with the addition of some components which are translation-specific, particularly components which represent problem-recognition and the strategies employed for problem-solving.”

deliberado que requer a apreensão do sentido em sua totalidade, de forma que este combine com o significado pretendido (*vouloir dire*) presente no texto-fonte³⁵.

Ainda, de acordo com Carl e Dragsted (2012: 128), “a leitura com uma quantidade razoável de “pré-tradução” [ou seja, com foco na tradução, tendo em vista a busca por correspondentes na língua-alvo, a antecipação de algum tipo de dificuldade] implica certamente atividades mentais distintas da leitura para a compreensão”.³⁶

Um modelo do processo tradutório, portanto, deve tentar evidenciar como se dão a compreensão e produção ao longo do processo tradutório. É necessário compreender o texto (ou parte dele) antes de traduzir propriamente ou é possível traduzir enquanto se lê? A discussão sobre se o processamento da informação na tradução ocorre de forma sequencial (compreensão e depois produção) ou de forma simultânea (compreensão e produção ocorrendo concomitantemente) também é relevante para a elaboração desse tipo de modelo.

Ademais, um modelo psicolinguístico do processo tradutório precisa considerar a posição do tradutor como alguém que compreende e produz em duas línguas distintas. Além disso, ele deve considerar o tradutor como um bilíngue e mostrar como isso afeta o processamento da linguagem. Sendo assim, pesquisas sobre bilinguismo e sobre bilinguismo e tradução podem dar subsídios para se compreenderem tanto os processos atrelados à compreensão e à produção de duas línguas distintas quanto as competências relativas especificamente à tradução dessas duas línguas, que, por sua vez, é óbvio, exige o conhecimento e a capacidade de lidar com dois idiomas ao mesmo tempo.

Um modelo da tradução de caráter psicolinguístico também deve levar em conta a monitoração da atividade e das etapas da mesma, além de questões relativas à manutenção e recuperação de informação na memória.

Outro fator relevante que precisa ser incorporado nesse tipo de modelo é a noção de custo, que está presente tanto na etapa de compreensão (processamento de determinada estrutura, *parsing* da mesma) quanto na de produção (formulação

³⁵ “Understanding among translators and interpreters is different from understanding among normal receptors, since it is a deliberate and more analytical act of communication which requires the apprehension of sense in its totality so that sense matches the intended meaning (*vouloir dire*) of the sender of the source text”.

³⁶ “a fair amount of pre-translation” implies certainly different mental activities than reading for understanding”

da estrutura, produção de estruturas menos ambíguas, de modo a diminuir o custo atrelado à estrutura etc.). A noção de custo será discutida a partir do capítulo 6 e será incluída na sistematização do modelo, no capítulo 10. Nas subseções a seguir, cada questão apontada acima será mais bem detalhada.

3.1

A compreensão e produção na atividade tradutória

Conforme mostrado no capítulo 2, alguns modelos explicitam o caráter dual da tradução, que abrange os processos de compreensão e produção escrita. No entanto, existem diferenças significativas entre a situação de tradução e a compreensão e produção no dia a dia. No caso da tradução, o processo de formulação da mensagem na língua-alvo está diretamente atrelado ao conteúdo proposicional apreendido, a partir da compreensão do texto na língua-fonte. Nesse sentido, mesmo que se considere que, nesse processo, alterações possam ocorrer – decorrentes, inclusive, do próprio processo de compreensão do texto-fonte pelo tradutor –, não há propriamente a construção de uma mensagem totalmente nova. Sendo assim, na apresentação do modelo serão consideradas algumas etapas dos modelos de compreensão e produção explorados em Psicolinguística, atentando-se, contudo, para as especificidades do que ocorre na tradução.

É preciso considerar, também, que, na tradução, além das particularidades da compreensão de um texto em uma língua e produção em outra, há distinções importantes relativas à monitoração da atividade, em especial no que tange a uma potencial preocupação do tradutor com a recepção do texto traduzido, e a estratégias adotadas por ele em função do seu grau de *expertise* ou seu tempo de experiência como tradutor. Assim, em um modelo processual de tradução, é necessário levar em conta tanto operações de caráter mais algorítmico (mais automático) quanto de ordem heurística (mais consciente) que se implementam no curso da tradução.

Logo, ao se buscar caracterizar o processo tradutório em termos de um modelo, faz-se necessário examinar de forma mais detida um conjunto de fatores, tais como a exigência do conhecimento de duas línguas, como se dá o acesso

lexical; a sequência do processo, se linear ou não, e o(s) nível(eis) de monitoração da atividade. Esses tópicos serão abordados a seguir.

3.2

Tradução e bilinguismo – questões a serem exploradas

A figura do tradutor como intérprete e/ou receptor do texto-fonte e produtor do texto-alvo coloca-o na posição de alguém que tem o conhecimento lexical e gramatical de duas línguas, sendo ele, em certa medida, um bilíngue.

Ao considerar o tradutor um bilíngue, surgem várias questões amplamente discutidas em estudos sobre bilinguismo e também em trabalhos sobre o processo tradutório que têm uma preocupação em estabelecer um diálogo entre as pesquisas sobre bilinguismo e tradução, a saber: o grau de proficiência e competência nas duas línguas; a questão do léxico (um ou dois léxicos?) e, no caso específico da tradução, a habilidade relativa a essa área (a atividade tradutória requer apenas o conhecimento de duas línguas ou há outras competências específicas envolvidas?).

Antes de discutir essas questões, deve-se ressaltar que foge ao escopo da presente pesquisa expor e discutir as diferentes posições dos estudos sobre bilinguismo.³⁷ Só serão mencionadas as questões que se julga serem relevantes para a caracterização de um modelo do processo tradutório, elencadas acima. Assim como Presas (2000: 30), acredita-se que “a competência bilíngue constitui a base psicolinguística sobre a qual é possível desenvolver a competência tradutória, em especial a subcompetência de transferência” de uma língua para a outra.³⁸

Deve-se deixar claro que, embora a tradução exija sempre a competência bilíngue, o bilíngue não necessariamente precisa traduzir de uma língua para a outra em situações cotidianas.

Com relação ao bilinguismo, Zimmer et al. (2008: 3-4); Fernández (2005: 180-181) e Presas (2000: 20) apontam desde visões tradicionais, como a de Bloomfield (1933), que considera bilíngue apenas os indivíduos que têm controle

³⁷ Para uma discussão geral e didática dos principais modelos e questões envolvidas no processamento bilíngue, conferir Comesaña et al. (2008).

³⁸ [...] bilingual competence constitutes the psycholinguistic foundation upon which it is possible to develop translation competence, especially the transfer subcompetence.”

nativo das duas línguas, até a de Edwards (2006)³⁹, que afirma que qualquer indivíduo que saiba algumas palavras em uma língua estrangeira é bilíngue.

Aqui será usado um conceito mais amplo, que considera bilíngue o indivíduo que é proficiente em duas línguas, mesmo que a proficiência não seja equilibrada entre os dois idiomas. Segundo Zimmer et al. (2008: 5),

[e]ssa definição, calcada no uso, implica uma visão dos bi/multilíngues como pessoas com *diferentes graus de competência nas línguas que usam*. Assim, os bilíngues e multilíngues podem ter mais ou menos fluência numa língua do que em outra; podem ter desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo, entre outros motivos.

Sendo assim, considera-se que os tradutores participantes das atividades experimentais realizadas na presente pesquisa são bilíngues, pois são proficientes em português e inglês, ainda que, possivelmente, mais proficientes em uma língua do que em outra.

No entanto, conforme aponta Presas (2000: 19), enquanto a competência bilíngue “é uma condição necessária, ela não é, em si, suficiente para garantir a competência tradutória”⁴⁰. A tradução requer outras competências, como as consciências metalinguística e metacultural necessárias e uma competência “interlingual”, ou de transferência entre as duas línguas, para que seja possível traduzir um texto da língua-fonte para a língua-alvo, e a capacidade de traduzir textos de forma equivalente em diversos níveis, de acordo com o propósito ou objetivo do texto-fonte com relação ao estilo, tipo de texto, tipo de linguagem etc. (cf. Lörscher, 2003; 2012 e Năznean s.d.).

Ademais, conforme observam Comesaña *et al.* (2008: 48) “os estudos de tradução em bilíngues afásicos [não tradutores] permitem-nos hipotetizar acerca da existência de sistemas neuronais específicos que possibilitam a tradução”. Ainda, os autores afirmam que “os sistemas de tradução parecem ser relativamente independentes dos sistemas de compreensão e produção”. Foge ao escopo deste trabalho investigar a fronteira entre os sistemas de compreensão e produção e o da tradução; no entanto, a experiência da pesquisadora como

³⁹ BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
EDWARDS, John. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. (eds.). *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 2006.

⁴⁰ “[...] bilingual competence, while a necessary condition, is not in itself sufficient to guarantee translation competence [...]”.

tradutora e professora de tradução mostra que um dos mitos desfeitos pela prática ao longo dos cursos de tradução é o de que traduzir requer apenas o conhecimento de duas línguas diferentes. De início, os alunos pensam que “traduzir um texto [é] simplesmente fazer uma transposição de um idioma para o outro, bastando para tal o conhecimento das duas línguas envolvidas no processo”.⁴¹ Ao final do curso, já com uma conscientização maior acerca da profissão de tradutor e com certa prática em tradução, os alunos percebem que saber duas línguas não é suficiente para traduzir e que é necessário adquirir e desenvolver uma série de competências e subcompetências, seja no nível linguístico ou metalinguístico.

A competência tradutória vem sendo estudada por vários pesquisadores – inclusive pelos autores que sugeriram os modelos do processo tradutório, apresentados no capítulo 2 – e pelo grupo PACTE, da Universidade Autônoma de Barcelona. Há, inclusive, alguns modelos da competência tradutória (PACTE, 2003; Gonçalves, 2003, 2005).

O modelo do grupo PACTE, de cunho cognitivo-constructivista, parece ser interessante para se pensar que a tradução não requer apenas o conhecimento de duas línguas, mas também de subcompetências relacionadas à atividade tradutória, que estão sempre sendo desenvolvidas. Dessa forma, o conhecimento declarativo pode ser procedimentalizado, o que torna processos reflexivos mais automáticos, otimizando o processo tradutório e diminuindo o custo atrelado a ele. Cabe ressaltar, ainda, que Gonçalves (2003; 2005) propõe um modelo da competência tradutória, de base conexionista, à luz da Teoria da Relevância, que busca relacionar como as subcompetências estão relacionadas aos variados níveis do processamento cognitivo⁴².

Segundo o grupo PACTE (2005: 610), a competência tradutória é um sistema de conhecimento necessário para a tradução e apresenta quatro características: trata-se de conhecimento experto, o qual nem todo bilíngue possui; trata-se de conhecimento procedimental (e não declarativo); apresenta cinco subcompetências inter-relacionadas e, por fim, um componente estratégico que se mostra fundamental, assim como em todo conhecimento procedimental.

⁴¹ Depoimento de uma bolsista de iniciação científica da UFRJ, relatado por Barbosa e Neiva (1997:18), que reflete essa visão inicial do processo de tradução.

⁴² Para mais detalhes sobre o modelo do autor, conferir Gonçalves (2003; 2005). Para uma visão geral dos modelos de competência tradutória, conferir Ferreira (2010) e Liparini Campos (2010).

As subcompetências são: **bilíngue**, relacionada ao conhecimento pragmático, sociolinguístico e léxico-gramatical e textual de cada língua; **extralinguística**, relativa ao conhecimento enciclopédico e cultural; **conhecimento em tradução**, relativa aos princípios que norteiam a atividade de tradução em si (métodos, processos, procedimentos) e à profissão (instruções, público-alvo etc.); **instrumental**, relativa à habilidade de realizar buscas em fontes de consulta e ao manuseio de tecnologia associada à tradução, e, por fim, a **estratégica**, que segundo os autores, é a mais importante, pois é ela a responsável pela resolução de problemas e pela eficiência do processo.

De acordo com o grupo PACTE (2005: 610),

[a subcompetência estratégica] intervém ao planejar o processo em relação ao projeto de tradução, ao avaliar o processo e os resultados parciais obtidos, ao ativar as diferentes subcompetências e compensar as deficiências, ao identificar problemas tradutórios e aplicar procedimentos para solucioná-los⁴³.

Há ainda os componentes psicofisiológicos, que incluem mecanismos cognitivos e comportamentais (memória, limiar de atenção, perseverança), além de psicomotores, e que estão diretamente relacionados às subcompetências, conforme figura abaixo:

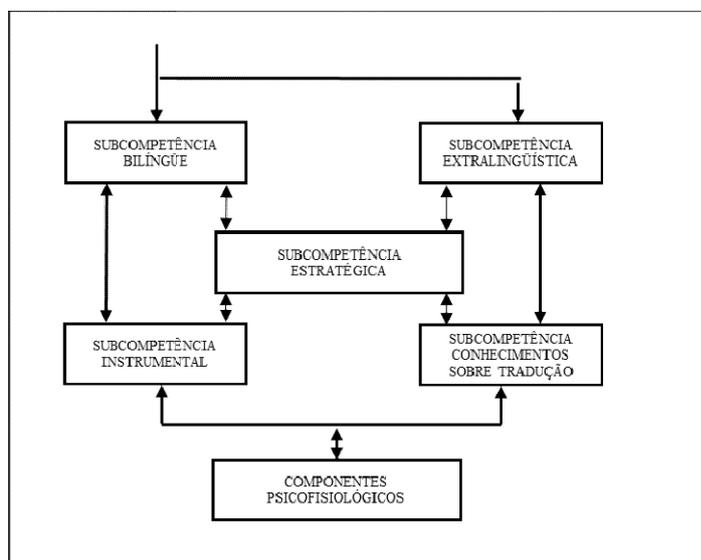


Figura 8: Modelo da competência tradutória do grupo PACTE.

⁴³ “It intervenes by planning the process in relation to the translation project, evaluating the process and partial results obtained, activating the different sub-competencies and compensating for deficiencies, identifying translation problems and applying procedures to solve them.”

Percebe-se, portanto, que a competência tradutória envolve uma série de subcompetências e que o desenvolvimento das mesmas é fundamental para a otimização do processo de tradução. A competência tradutória será mencionada de novo, quando o modelo for proposto, mais adiante, neste capítulo.

Pensando justamente no modelo psicolinguístico da tradução, percebe-se, conforme já visto, a necessidade de uma representação que dê conta do processo dual da tradução considerando os sistemas de compreensão e produção e também o processamento bilíngue, que levanta questionamentos acerca da representação e recuperação das palavras no léxico mental, e também sobre como o conhecimento gramatical das duas línguas estaria representado.

Nos bilíngues, um conjunto de palavras seria armazenado em um único léxico ou haveria um léxico separado para cada língua (Hernandez *et al.* 2007: 371)? E a gramática? Haveria um sistema computacional único? Como seriam representadas as regras particulares de cada língua?

No que tange ao léxico, levando em consideração o processamento em bilíngues, Presas (2000) e Lörcher (2012) apontam uma classificação relativa à memória bilíngue tomando como base a relação entre o léxico e o sistema conceitual, que, segundo Presas, foi sugerida por Weinreich (1968)⁴⁴. De acordo com essa classificação, os bilíngues podem ser considerados compostos, coordenados e subordinados. O bilinguismo composto é caracterizado por um léxico mental para ambas as línguas e dois modos de expressão, que seriam duas representações lexicais (ou formas da palavra). O bilinguismo coordenado sugere a existência de dois léxicos mentais e dois modos de expressão. Já o bilinguismo subordinado sugere a existência de um léxico mental. Há também dois modos de expressão, mas, neste caso, aprende-se o da L2 via L1. O acesso lexical seria via L1 com posterior tradução para a L2. Segundo Lörcher (2012: 8), cogita-se também a possibilidade de haver três repositórios de memória: um conceitual, que compreende o conhecimento enciclopédico, e dois repositórios linguísticos, um para cada língua, para as representações do significado e para os modos de expressão.

Segundo Comesaña *et al.* (2008: 49), é possível “afirmar que a quantidade de dados acumulados [na literatura sobre processamento bilíngue]

⁴⁴ WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. The Hague: Mouton, 1968.

aponta para a existência de um léxico integrado, de um acesso paralelo, e de representações semânticas partilhadas entre línguas”.

Com relação à gramática, foge ao escopo deste trabalho discutir se, no caso dos bilíngues, há uma ou mais gramáticas. De acordo com Hernandez e Fernandez (2007), os bilíngues quase sempre utilizam um único mecanismo que acessa duas gramáticas representadas de forma separada. Segundo as autoras, os dois componentes devem ser representados separadamente nos repositórios relativos à competência do bilíngue, embora, durante a interpretação de uma sentença, por exemplo, alguns aspectos de cada um dos repositórios sejam mais proeminentes ou se sobressaiam mais do que outros.

A questão da existência de uma ou mais gramáticas é altamente complexa e pode ganhar novos contornos, tendo em vista a faculdade da linguagem proposta no âmbito do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), já que seria possível considerar que haveria um único sistema computacional – responsável por mapear as numerações para a LF (Forma Lógica) –, cujas operações se aplicariam aos traços representados nos itens lexicais. Nesse sentido, poder-se-ia considerar que a diferença entre os bilíngues residiria no tipo de informação codificada no léxico (cf. MacSwan, 2000).

Segundo MacSwan (2000: 44), que limita sua proposta ao bilinguismo simultâneo, a abordagem minimalista possibilita uma concepção diferente de bilinguismo, uma vez que, sendo o sistema computacional invariante nas línguas, não é mais necessário considerar que as gramáticas estão compartimentadas de alguma forma na faculdade da linguagem. No Minimalismo, considera-se que o sistema computacional da língua seria invariante entre línguas, sendo as diferenças idiossincráticas observadas entre línguas atribuídas ao léxico, mais especificamente ao que cada língua toma como traço formal⁴⁵.

De acordo com o autor, além dessa variação paramétrica, não haveria diferenças nas regras sintáticas, o que simplificaria em muito o conceito de bilinguismo.

⁴⁵ De acordo com essa visão, diferenças paramétricas, portanto, estariam restritas ao léxico, uma ideia que, como sinaliza MacSwan (2000: 43), já aparece em Chomsky (1991: 23): “Se houvesse apenas uma língua humana, a história pararia por aí. Mas sabemos que isso é falso, fato um tanto surpreendente. Os princípios gerais do estado inicial premitem evidentemente uma gama de variações. Associados a vários princípios, há parâmetros com poucos – talvez – dois valores. Possivelmente, conforme proposto por Hagit Borer, os parâmetros estão, na verdade, restritos ao léxico, o que significaria que o resto da língua-I é fixo e invariável, uma ideia de amplas consequências que tem se mostrado um tanto produtiva”.

Dentro da abordagem minimalista, portanto, poder-se-ia pensar em um sistema em que a faculdade da linguagem no caso do bilíngue simultâneo compreenderia um sistema único de operações sintáticas responsáveis pelo mapeamento da numeração para a forma lógica. No entanto, como cada léxico deve ter operações internas distintas para formar itens lexicais complexos do ponto de vista da morfologia, segundo MacSwan (2000: 52), parece razoável assumir dois léxicos distintos, tendo cada um seus princípios morfológicos internos de formação de palavras, e um sistema computacional único e invariante, sem necessidade de mecanismos de mediação.⁴⁶

No modelo que será sistematizado neste trabalho, assumindo uma visão mais de acordo com a do Programa Minimalista, serão considerados dois léxicos distintos. Apenas a computação seria comum aos dois sistemas linguísticos.

Discutidos o caráter duplo da tradução, que envolve a compreensão e produção em duas línguas distintas, e a posição do tradutor como um bilíngue, ainda que com competências especificamente relacionadas à tradução, é importante tentar entender como se dão a compreensão e a produção nos textos-fonte e alvo, o que, por sua vez, envolve a discussão sobre o tipo de processamento em jogo, se sequencial ou simultâneo.

3.3 Processamento em tradução – sequencial ou simultâneo?

Na literatura sobre o processo de tradução, há uma tensão entre os que acreditam que a leitura e compreensão na língua-fonte e a produção na língua-alvo ocorrem sequencialmente e outros que acreditam que tais processos ocorrem de forma simultânea. Segundo Ruiz et al. (2008: 490), é mais ou menos ponto pacífico entre os teóricos que todo leitor normal realiza uma análise sintática, semântica e discursiva do texto-fonte de modo a construir uma representação mental da mensagem contida nele. Com relação ao texto-alvo, há certa

⁴⁶ Cabe destacar que não se pode incorporar de modo direto o que é proposto no âmbito de um modelo formal de língua, em que as computações linguísticas são pensadas num plano virtual. Uma teoria de processamento ancorada em uma teoria linguística precisa de um modelo integrado em que fatores associados ao processamento em tempo real sejam considerados (Corrêa & Augusto, 2007). Dentre as dificuldades enfrentadas para se promover um modelo integrado estariam a questão da direcionalidade da derivação (enquanto a derivação minimalista é *bottom-up*, o processamento incremental dá-se da esquerda para a direita ao longo do tempo) e a ausência do custo computacional mensurável em alguns movimentos sintáticos.

concordância de que é necessário tanto o planejamento da estrutura linguística quanto uma seleção lexical. No entanto, a discordância entre os teóricos surge com relação ao modo como a compreensão e a produção estão articuladas, ou seja, se ocorrem de forma sequencial (ou serial) ou simultânea (paralela).

Antes de comentar as diferentes posições acerca dos procedimentos adotados ao longo do processo tradutório, é importante deixar claro que “sequencial” ou “serial” e “paralelo” são empregados nos estudos processuais da tradução para caracterizar a (não) linearidade do processo tradutório com relação à leitura do texto-fonte e à produção do texto-alvo. Discute-se, portanto, se o texto é produzido enquanto se lê ou se o tradutor lê primeiro o texto e depois o traduz.

Já na Psicolinguística, “serial” e “paralelo” são normalmente empregados para caracterizar tanto diferentes modelos de processamento quanto o curso temporal das operações mentais no âmbito da produção e compreensão, separadamente. Segundo Garman (1990:174-175), a principal diferença com relação à natureza do processamento é que, em modelos seriais, para que ocorra uma atividade em um nível mais baixo de determinado domínio de processamento, é necessário que o nível mais elevado tenha sido finalizado. Já em modelos de processamento paralelo, os processos nos níveis mais baixos podem influenciar os níveis mais elevados. Em função disso, segundo o autor, nesses modelos pode ocorrer interação entre domínios durante o curso temporal do processamento da linguagem. Essa caracterização do autor é compatível com modelos de processamento distribuído paralelo, inspirados no conceito de redes neuronais.

O termo paralelo também pode ser empregado para fazer referência a processos que ocorrem de forma simultânea, com independência de operações. Nesse segundo sentido, é possível se pensar em modelos seriais em que se observam processos ocorrendo em paralelo, já que vários níveis podem estar simultaneamente ativos, embora em domínios diferentes. Diante do exposto, para se falar em processamento em tradução, o que parece ser mais adequado é opor processamento sequencial (compreensão prévia à produção) a processamento simultâneo (compreensão e produção ocorrendo ao mesmo tempo). Para evitar

confusões terminológicas, embora os textos da área do processo tradutório utilizem o termo paralelo, aqui ele será substituído por simultâneo⁴⁷.

Segundo a visão sequencial do processo tradutório, a produção na língua-alvo só ocorre quando a compreensão do texto-fonte tiver sido finalizada. O texto-alvo é produzido apenas com base na representação mental do texto-fonte, uma vez que, quando a mensagem é processada, perde-se sua forma superficial. Já de acordo com a visão simultânea do processo tradutório, durante a compreensão do texto-fonte, as propriedades sintáticas e lexicais das duas línguas envolvidas na tradução são acessadas.

O processamento sequencial tem sido apontado pela literatura [Ruiz et al. (2008); Carl e Kay (2011); Alves et al., (2012)] como mais característico de alunos novatos, enquanto o simultâneo é mais relacionado a tradutores experientes.

Há, ainda, uma visão híbrida, que considera os processamentos sequencial e simultâneo como apenas duas rotas que podem ser usadas por qualquer bilíngue, sendo a experiência e o treinamento fatores importantes para determinar qual deles é usado ou mais usado.

Evidências de experimentos reportados por Ruiz et al. (2008) apontam para o processamento simultâneo em tradução. Ao tentar verificar a diferença entre ler em um contexto monolíngue e ler para traduzir, os autores elaboraram dois experimentos. Ambos tratavam-se de uma atividade de leitura automonitorada aplicada a 16 tradutores profissionais, falantes nativos de espanhol e muito fluentes em inglês, que tinham que ler sentenças em espanhol e depois repeti-las (comando “repetir”) na mesma língua ou vertê-las para o inglês (comando “traduzir”). Após a repetição ou versão⁴⁸, aparecia na tela o comando

⁴⁷ Ruiz et al (2008) ainda citam processamento vertical, para se referir à sequencialidade das etapas de compreensão, e processamento horizontal, para indicar a simultaneidade das duas etapas.

⁴⁸ Talvez fosse necessário realizar esse mesmo tipo de experimento com a atividade de tradução no lugar da de versão. No caso, as sentenças seriam apresentadas em inglês e os participantes teriam de traduzi-las para o espanhol. A crítica que se faz aqui é que a atividade de versão não é igual à de tradução e demanda um esforço cognitivo diferente, podendo interferir nos resultados. No caso da versão, a compreensão se dá na língua materna e a produção na língua estrangeira e, muitas vezes, o tradutor tem uma boa proficiência na leitura em língua estrangeira, que é uma das condições fundamentais para que ocorra a tradução, mas não é suficiente para que ocorra a versão. Para produzir uma versão, é necessária uma ótima proficiência na produção escrita da língua estrangeira. Segundo Lörcher (1992: 439), as estratégias utilizadas na tradução e na versão não são de tipos diferentes, mas sim, de graus diferentes. Os resultados da pesquisa do autor, que utilizou protocolos verbais para analisar as estratégias utilizadas pelos tradutores, mostram que esses tendem a resolver os problemas em tradução por meio de estratégias menos complexas do

“verificação” e, em seguida, uma sentença em que os participantes tinham de verificar se o sentido da mesma era congruente ou não com a sentença repetida ou traduzida.

O objetivo do primeiro experimento foi explorar se há ativação lexical da língua-alvo durante a leitura que tem como objetivo final a tradução. Manipulou-se, portanto, a frequência de palavras críticas (baixa e alta frequência) apenas na língua-alvo. Havendo a ativação, há um indício de que compreensão e produção ocorrem simultaneamente⁴⁹.

Já o objetivo do segundo experimento foi explorar se há ativação sintática na língua-alvo durante a leitura que tem como finalidade a tradução. Dessa vez, manipulou-se a estrutura sintática da sentença do espanhol e a do inglês com relação à variação da ordem de construções com adjetivo + substantivo [a sentença em espanhol apresentava duas ordenações aceitas na língua (adj. + sub. ou sub. +adj.), enquanto a do inglês permanecia constante (adj. + sub.)] e à inclusão ou não de um pronome que funciona como sujeito de um verbo (inclusão esta obrigatória em inglês, mas não em espanhol). Ocorrendo ativação sintática, a expectativa era a de que haveria efeitos de congruência sintática, sendo a sentença congruente mais fácil de ser lida no caso da leitura para a tradução do que a incongruente⁵⁰.

Os resultados dos dois experimentos evidenciaram um processamento simultâneo das duas línguas e uma diferença entre a leitura no contexto monolíngue (apenas para compreensão) e a leitura com o foco em tradução. As

que as utilizadas na atividade de versão. Ainda, durante a tradução, os tradutores parecem solucionar o problema utilizando estratégias mais automatizadas e menos complexas. Por outro lado, na versão, eles tendem a fragmentar os problemas por meio de uso de estratégias mais complexas (cf. Carl, 2010).

⁴⁹ De acordo com o exemplo de Ruiz et al (2008: 493), na sentença, “Desde la *torre*, construída entre esos dos recintos, se observaba perfectamente aquel *punte*” (From the *tower*, that was built between these two sites, the *bridge* can be observed perfectly) as palavras críticas, em itálico, têm, respectivamente, baixa e alta frequência de ocorrência na língua-alvo; no caso, o inglês. Em português, a frase poderia ser traduzida por “Da torre, construída entre esses dois locais, observava-se perfeitamente aquela ponte”. Vale ressaltar que as sentenças em inglês foram traduzidas pelos autores.

⁵⁰ Ruiz et al. (2008: 495) exemplificam que uma sentença congruente seria “La *bonita casa* que yo *alquilé* este verano tenía un *verde jardín* (The *nice house* that I *rented* this summer had a *green garden*). Já a incongruente seria “La *casa bonita* que *alquilé* este verano tenía un *jardín verde*”. (The nice house that I rented this summer had a green garden). Em português, as frases poderiam ser traduzidas, respectivamente, por “A bela casa que eu aluguei neste verão tinha um jardim verde” e “A casa bela que aluguei neste verão tinha um verde jardim”. Vale ressaltar que os fragmentos críticos estão em itálico nas sentenças em espanhol e em inglês e que as sentenças em inglês foram traduzidas pelos autores.

atividades evidenciaram ativação lexical e sintática (sendo esta até bem no início da atividade de leitura) da língua-alvo ainda durante a leitura do texto na língua-fonte. Além disso, nos dois experimentos, o tempo de leitura para fins tradutórios era sempre maior do que o tempo de leitura para fins de compreensão⁵¹, o que indica que a tradução requer outros recursos (como a ativação e troca de códigos entre duas línguas) além dos recursos cognitivos necessários para a compreensão e produção.

Tais resultados corroboram os comentários de Alves e Hurtado Albir (2009) e de Carl e Dragsted (2012), mencionados no início deste capítulo, acerca da diferença entre a leitura focada para a compreensão de um texto, em contexto monolíngue, e a leitura com o foco na tradução, em um contexto bilíngue.

Quanto à simultaneidade ou não das etapas de compreensão e produção, apesar de evidências mais favoráveis ao processamento simultâneo, é preciso tomar certo cuidado, já que o delineamento do tipo de processamento em jogo não é tarefa tão tranquila assim. De acordo com Dragsted et al. (2011, 2012, 2013), evidências apontam para a troca entre os dois tipos de processamento, embora haja uma tendência maior para o processamento simultâneo.

Dragsted et al. (2012), ao comparar o comportamento de 15 tradutores durante a atividade de tradução e a atividade de cópia de um texto, chegaram à conclusão de que ambas as atividades parecem transcorrer bem, com a leitura de algumas palavras à frente da que está sendo copiada ou traduzida, o que evidenciaria um processamento simultâneo. No entanto, a atividade de tradução apresenta mais pausas, o que poderia indicar um processamento sequencial em alguns momentos. Segundo os autores, isso confirmaria também a hipótese de que o monitor intervém mais na atividade de tradução do que na de cópia. A monitoração da atividade será abordada um pouco mais adiante.

Além disso, em ambas as atividades (tanto de cópia quanto de tradução), a produção do texto parece ativar uma leitura mais extensa e profunda do original quando o tradutor se depara com um problema (a falta de conhecimento de determinada expressão, por exemplo), de modo a atingir uma melhor compreensão do texto. De acordo com Gile (1995: 109),

⁵¹ No caso da revisão parece ocorrer o mesmo. Hayes et al. (1987) afirmam que a leitura para detecção de problema é mais demorada do que a leitura para compreensão, por exemplo, já que a primeira requer, segundo Leite (2014: 21), “um esforço considerável para a resolução de problemas”.

muitas vezes, o tradutor só testa uma hipótese do significado após a verbalização da mesma, ainda que apenas mentalmente. Em geral, ele só percebe um problema quando tenta ler primeiro a versão na língua-alvo da unidade de tradução relevante, ou seja, quando já está na fase de reformulação [produção].⁵²

Isso pode evidenciar que a produção não requer uma compreensão profunda do original. É possível que haja uma hipótese do significado mal formulada e/ou uma compreensão rasa do original que só é testada na produção. Ao não conseguir formular a estrutura na língua-alvo e/ou, ao ler a tradução, o tradutor se dá conta de que não compreendeu o suficiente o texto original, sendo necessário, portanto, retomá-lo.

Além disso, muitas vezes, é a partir da identificação e solução de um problema que se tem uma compreensão mais profunda a respeito do texto-fonte, não sendo, portanto, condição *sine qua non* o entendimento total do texto para que ocorra a tradução. Na verdade, os resultados da pesquisa de Carl e Dragsted (2012), que relata a atividade de tradução do inglês para o dinamarquês realizada por 15 participantes no ambiente Translog© e com o uso do rastreador ocular, mostram que, em muitas situações, o texto já está digitado antes mesmo de o tradutor saber como vai traduzir o restante do texto. Isso é um indicativo de que, antes da tradução, há normalmente um entendimento bastante raso do texto, que vai se aprofundando e consolidando à medida que a tradução avança. Os autores observaram que é durante a produção do texto em si que o tradutor busca uma maior compreensão do original e se dá conta de problemas de entendimento do texto-fonte. Este é um caso em que a monitoração da tradução ajuda a solucionar problemas de compreensão do original.

Tal observação reflete um processamento simultâneo, uma vez que a tradução ocorre enquanto se lê o texto. No entanto, isso não exclui a possibilidade de um processamento sequencial em alguns trechos do texto, em que haveria a antecipação de um problema, embora os autores tenham observado nos dados que a releitura dos textos-fonte era sempre decorrente de um problema encontrado

⁵² “[...] oftentimes, the translator does not test a Meaning Hypothesis until after verbalizing it in the target language, if only mentally. Frequently, s/he only realizes there is a problem when trying to read the first target-language version of the relevant Translation Unit, in other words, when already in the reformulation phase.”

durante a produção da tradução. Eles chegam à conclusão surpreendente de que a compreensão mais profunda não precede a produção, mas sim sucede a mesma.

Diante do exposto, as evidências na literatura parecem apontar mais para um processamento simultâneo em tradução, com a produção do texto na língua-alvo à medida que ele vai sendo lido; logo, o processamento em tradução tende a ser *on-line* e, usando a terminologia de Asadi e Séguinot (2005) mostrada no capítulo 2, o procedimento mais utilizado é a tradução na tela (*onscreen translation*). Por outro lado, não se pode desconsiderar por completo uma tradução decorrente de um processamento sequencial, com planejamento prévio (*prospective thinking* de Asadi e Séguinot, 2005), ainda que mínimo, baseado em uma contextualização, mesmo que pequena e em alguns trechos específicos, do texto original. Tal procedimento parece estar mais relacionado a tradutores novatos (Carl, 2010).

Deve-se acrescentar, ainda, que o fato de se encontrar um problema na tradução pode muito bem ter influência direta sobre o tipo de processamento utilizado. Nas palavras de Carl e Dragsted (2012: 128), “enquanto a mente está engajada na produção de uma parte do texto, os olhos estão à procura de locais importantes no texto de modo a agregar as informações relevantes necessárias para continuar com o fluxo de produção textual”⁵³. Tal fluxo de produção continua até ser interrompido por um monitorador que alerta para um problema. “A função do monitorador é ativar tomadas de decisão conscientes para tentar solucionar o problema”⁵⁴ (Tirkkonen-Condit, 2005: 408).

Sendo assim, quando não é possível a continuação desse fluxo, a atividade é interrompida e pode haver a necessidade de se voltar ao texto-fonte, buscar uma compreensão mais profunda, para aí, sim, tentar solucionar o problema e voltar à produção novamente (percebe-se, assim, um processamento mais sequencial neste caso). O monitorador, portanto, tem um papel importante na atividade tradutória e é fundamental para o componente relativo à competência tradutória, conforme será mostrado na seção a seguir.

⁵³“(…) while the mind is engaged in the production of a piece of text, the eyes search for relevant textual places to gather the required information needed to continue the text production flow.”

⁵⁴“The monitor’s function is to trigger off conscious decision-making to solve problems.”

3.4 O monitorador e o processo tradutório

O monitorador é um aparato cognitivo que age o tempo todo na atividade tradutória, tanto nas etapas mais inconscientes e automatizadas, quanto naquelas que envolvem tomadas de decisão mais conscientes e o uso de estratégias. A presença de um monitorador é perceptível nas revisões que se realizam ao longo do processo. Uma revisão *on-line*, por exemplo, é um indicativo de que tanto a leitura e compreensão do texto-fonte quanto a tradução estão sendo monitorados, de modo a minimizar erros de tradução e de digitação e também de prover uma tradução mais condizente com a organização estrutural da língua-alvo. Já a revisão final indica um outro tipo de monitoração, já mais focada no texto-alvo e em pontos mais estratégicos do texto, com possível retomada de resolução de problemas, por vezes até mais complexos, para os quais não havia sido encontrada uma solução durante a fase de tradução propriamente.

A ideia de um monitorador aparece na literatura sobre o processo tradutório, inclusive em alguns dos diversos modelos já propostos, conforme já apontado no capítulo 2⁵⁵.

Tirkkonen-Condit (2005: 407-408) afirma que o procedimento padrão dos tradutores, sejam eles novatos ou experientes, seria a tradução literal, aquela mais automatizada ou internalizada, sem muita reflexão por parte do tradutor. Tal procedimento só seria interrompido quando o tradutor se deparasse com um problema, seja no texto-fonte ou no texto-alvo, problema este “apontado” pelo monitorador. A partir daí, o monitorador, que, de acordo com Carl e Dragsted (2012), parece agir em segundo plano, ativa procedimentos conscientes para que o problema seja solucionado, como a releitura do texto-fonte, consultas etc.

Os modelos comentados no capítulo 2 também preveem a monitoração da atividade tradutória e alguns até sinalizam para um aparato cognitivo. Os modelos de Lørscher (1991); Bell (1991); Kiraly (1995) e Hönig (1995) explicitam a ideia de controle da atividade tradutória através de processos de monitoração (Lørscher e Hönig) ou de um construto cognitivo, como Bell, que implementa a ideia de um organizador de ideias e um planejador, e Kiraly, que insere um aparato

⁵⁵A ideia de um monitorador também aparece em modelos de processamento da escrita, como o de Hayes e Flower (1980). O monitorador, nesse contexto, seria responsável pela ligação entre os processos de planejamento, produção e revisão do texto.

denominado “*translator self-concept*”, que, segundo o autor, conforme já visto no capítulo 2, é responsável tanto pelo planejamento da tradução, tendo em vista as competências tradutórias, como a identificação do propósito da tradução, a capacidade de realizar a tarefa etc., quanto pela monitoração da atividade, considerando a adequação da tradução.

O monitorador parece ter uma relação direta com a competência tradutória e o grau de *expertise* do tradutor, pois à medida que vai se aprimorando, ele incorpora novos mecanismos de controle e de planejamento, tendo como objetivo a otimização do processo tradutório. Sendo assim, acredita-se que o monitorador atue na minimização de custo em tradução, auxiliando na escolha de soluções que demandem menos cognitivamente. O monitorador será incorporado ao modelo a ser proposto aqui e relacionado tanto às etapas previstas no modelo como às estruturas do DP, tendo em vista a noção de custo, que será abordada no capítulo 6.

No caso da estrutura-alvo da presente pesquisa, o monitorador também parece atuar na diferença entre as línguas, alertando, por exemplo, para a necessidade de troca de ordenação entre os termos dos DPs em inglês e português.

Em um nível mais consciente, ele atua diretamente nas tomadas de decisão e estratégias de resolução de problemas. Além disso, parece atuar nas etapas de revisão das traduções, quando o tradutor verifica se a tradução está adequada com relação ao sentido do original e também com relação à língua-alvo. No modelo que será proposto no capítulo 10, o monitorador será retomado.

Diante do exposto, fica claro, portanto, que um modelo do processo tradutório de cunho psicolinguístico deve tentar dar conta do processamento que se dá em duas línguas distintas, levando-se em consideração questões relativas ao modo como se dá esse processamento, ao custo, ao tradutor como intérprete de uma língua e produtor de outra, à monitoração da atividade de tradução, à possibilidade de se percorrerem vários caminhos ao longo do processo de tradução e à utilização de operações metacognitivas e cognitivas para resolver algum tipo de problema.

Dessa forma, a perspectiva psicológica pode contribuir, e muito, tanto para a evolução dos estudos sobre o processo tradutório, quanto para a comunicação humana em si. Tal contribuição pode ser “uma mudança que pode estabelecer os estudos da tradução como um grande campo de estudo e talvez independente,

ligado de forma simbiótica a todas as ciências humanas e, em especial, embora não exclusivamente, à linguística e à psicologia”⁵⁶ (Bell, 1998: 190).

As questões discutidas neste capítulo e também os aspectos relevantes acerca dos principais modelos do processo tradutório serão, de certa forma, retomados no capítulo 10, quando será sistematizado um modelo do processo tradutório na interface entre Psicolinguística e Estudos da Tradução, a partir da análise da tradução de DPs complexos com múltiplos modificadores, (que, por sua vez, envolve custos diferenciados), que serão o tema do próximo capítulo.

⁵⁶ “(...) a shift which can establish translation studies as a major and perhaps independent field of study linked symbiotically with all the human sciences and, in particular though by no means exclusively, with linguistics and psychology.”